

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA



Um beijo, um aceno e a união das mãos. O agradecimento de d. Risoleta ao carinho do povo de São Paulo que seguiu Tancredo até o fim

No gesto de d. Risoleta, toda emoção

Quando alcançou o último degrau da escada do Boeing da Força Aérea Brasileira, dona Risoleta Neves ouviu a multidão na frente do aeroporto gritar o seu nome e cantar o Hino Nacional. Emocionada, mas serena e forte como se mostrou nos últimos dias, ela voltou-se para o povo, jogou um beijo singelo, acenou e uniu as mãos, agradecendo a solidariedade dos paulistanos, que naquele momento representavam todos os brasileiros. Pouco depois o avião andou suave pela pista, ganhou velocidade e subiu na direção de Brasília, levando o corpo de Tancredo Neves.

Era meio-dia de ontem e, para as pessoas que estavam na avenida Washington Luiz acenando lenços brancos, tudo parecia acabado. O Boeing FAB-GTE, prefixo VC 98-2115 foi-se tornando apenas um pequeno ponto prateado. A multidão ainda esperou alguns minutos. Como não havia mais nada fazer, começou a se retirar. Foi uma sensação de vazio para quem passou a manhã toda aguardando o instante de despedir-se do presidente eleito do Brasil.

Mas, para a administração do aeroporto de Congonhas, foi também uma sensação de alívio. Na hora da chegada do cortejo, houve muita correria e alguns quiseram cortar caminho por dentro das alas nacional e internacional. Os soldados tentaram impedir e, descontrolada, a multidão quebrou vidros, ocupou as sacadas com vistas para a pista e subiu nos balcões das empresas aéreas.

Foi um dos momentos de maior tensão da manhã, até então relativamente tranqüila. A movimentação na área do aeroporto começou cedo. Os primeiros a chegar foram os técnicos e operadores das emissoras de rádio e televisão, ainda no final de domingo, e passaram a madrugada esticando cabos e conectando fios.

Depois vieram as equipes de segurança, civis e militares, que ocuparam os pontos estratégicos. Por volta das 5 horas, o DSV interditou uma pista da avenida Washington Luís, para manter a população longe da ala oficial do aeroporto. Duas horas depois, chegou o comandante do II Exército, general Sebastião Ramos de Castro, ressaltando que sua unidade iria prestar ao presidente eleito "a última homenagem, como ele bem o merece, com sentimento, com respeito, dentro da ordem, que deve nortear, conforme foram suas próprias palavras, o destino desta Nação". Para a homenagem, os soldados instalaram junto à praça Comandante Lineu Gomes os obuses para a salva de 21 tiros. São quatro peças de 105mm, trazidas do 20º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC).

Outros oficiais entraram na ala oficial, e passaram a conversar em grupos. Entre eles estavam o almirante César de Andrade, presidente da Comissão Naval de São Paulo, e o brigadeiro João Soares Nunes, comandante do 4º Comar.

Fora do aeroporto, a população ia aumentando junto aos cordões de isolamento. Na ansiedade da espera, muitos procuravam informações com os jornalistas, para saber se o cortejo já havia deixado o Instituto do Coração e em que ponto da cidade estava. Outros distraíam-se vendo a chegada das autoridades. Um dos primeiros a chegar foi o prefeito de Campinas, José Roberto Magalhães Teixeira, que, abalado com a morte de Tancredo, não escondeu as lágrimas. Chamou mais a atenção, pelo ritual da veste, o arcebispo da Igreja Ortodoxa, Paulo Agnelli Bicudo, que disse ter vindo trazer sua bênção "ao grande homem que se foi".

Em seguida, entraram na ala oficial o ex-governador Paulo Egydio Martins e sua mulher, d. Lila. "Por mais que a gente soubesse, foi um choque", afirmou o ex-governador. Pelo monitores

das equipes de televisão, as pessoas que esperavam fora viram que o carro de bombeiros com o caixão ainda estava no Ibirapuera. Mas alguns carros, que se desgarraram da comitiva, chegaram antes ao aeroporto. Deles desceram o prefeito Mário Covas e sua mulher, o vice-governador Orestes Quéricia, também com a mulher, e o secretário do Planejamento, José Serra.

No saguão do aeroporto, o movimento de passageiros também era grande, especialmente nos balcões das empresas. Muita gente procurou passagens para Brasília ou Belo Horizonte. O deputado Gastone Righi (PTB-SP) mostrava-se preocupado com a falta de Tancredo: "Ninguém pode dizer, conscientemente, o que vai acontecer nos próximos dias, nem como serão resolvidos todos os problemas criados com a morte do presidente. Será preciso tomar muito cuidado, e seria ideal para o Brasil se Montoro e Ulysses se afastassem e deixassem o Sarney trabalhar sossegado. Deviam parar de brigar por cargos".

Não muito longe dali, na Sala VIP, irmã Esther, que acompanhou de perto o sofrimento do irmão que seria presidente do Brasil, era, ao contrário, a imagem perfeita da serenidade. Enquanto esperava o voo para Belo Horizonte, irmã Esther lia a edição extra do *Estado*, parando algumas vezes para prestar atenção ao noticiário da tevê. Ela não queria conversar com os jornalistas, mas acabou afirmando que Tancredo "foi um mártir" e confirmou que ele já estava com problemas de saúde antes da primeira cirurgia. Na sua opinião, o presidente José Sarney deverá continuar a obra de Tancredo.

O prefeito de Itapevi, Silas de Oliveira, estava na avenida, junto com a multidão. Foi aplaudido quando tentou subir a passarela de pedestres, levando uma grande bandeira com o rosto do presidente eleito. Os soldados quiseram impedir, cedendo diante dos gritos de protesto. Na passarela já havia uma faixa com a frase "Tancredo e Tiradentes, a Nação não os esquecerá".